

Conceitos teóricos: definindo o *trickster*¹

Theoretical concepts: defining the trickster

Pieter Willem Conradie (Autor)*
nicholas.meihuizen@nwu.ac.za
North-West University

Renan da Silva Dalago (Tradutor)**
renadalago@gmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS

Altamir Botoso (Tradutor)***
abotoso@uol.com.br
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS

RESUMO: O *trickster* é uma figura que se filia a um modelo que tem aparecido nas obras ficcionais norte-americanas desde os seus primórdios até a contemporaneidade e guarda notáveis semelhanças com o pícaro espanhol, com o malandro brasileiro, com o arrivista francês, com o espertalhão alemão, dentre outros. Levando-se em consideração a sua importância para o estudo de figuras anti-heroicas, se traduz para o português a seção 2 da dissertação de mestrado de Pieter Conradie, na qual ele define essa figura e tece observações importantes a respeito de sua constituição e sua evolução ao longo de sua existência no âmbito ficcional. Na parte referida, o autor fornece a sua definição e ilustra sua relevância para os nativos norte-americanos e que se estende até os dias de hoje, a partir dos estudos de Radin (1972) e Jung (1969). O *trickster* é considerado um ente mitológico originário da tribo indígena

¹ Conceitos teóricos: Definindo o Trickster. (Seção 2). In: CONRADIE, Pieter, Willem. *The Trickster in PostModern Literature with Special Reference to Pieter Carey's Novel Illywhacker*. Dissertation (Magister in English), Potchefstroom Campus, North-West University, 2015, p. 36-43. Disponível em: https://dspace.nwu.ac.za/bitstream/handle/10394/17997/Conradie_PW_2015.pdf?sequence=1. Este texto foi traduzido e publicado com a autorização de Wilma Conradie, esposa de P. W. Conradie e do Prof. Dr. Nicholas Meihuizen. A autorização foi solicitada e aprovada em 21 de jan de 2022 via e-mail. Tradução em memória de Pieter Willem Conradie.

* Foi bacharel em Ciências Humanas, Filosofia e Letras. Mestre em Língua e Literatura Inglesa. Doutor em Filosofia em Inglês pela University North-West (NWU), África do Sul – Campus de Vanderbijlpark. Tinha como objetivo se tornar psicólogo, se especializando em psicologia junguiana.

** Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (UniCesumar) e Licenciatura em Letras – Português/Espanhol e suas Literaturas (UEMS). Mestrando em Letras – Estudos Literários, na Linha de Pesquisa Poéticas da Modernidade pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Campus Campo Grande-MS sob orientação do Prof. Dr. Altamir Botoso. Bolsista FUNDECT/CAPEL.

*** Doutor em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis-SP e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Campus de Campo Grande-MS.

localizada no Nebraska, Winnebago, e que acabou por se firmar como uma representação do sujeito esperto, que tudo faz para se dar bem e se safar de situações conflituosas. Inicialmente, ele era uma figura folclórica que acabou adentrando o âmbito literário e aí se mantém como um ser errante, ambicioso, egoísta, que menospreza o trabalho e cujo único intento é a sobrevivência, por meio de burlas e enganos a terceiros, permeadas pelo humor e ressaltando sempre a sua esperteza e agilidade nas ações que vivencia nas ficções do passado e também naquelas da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Trickster*. Mitologia. Arquétipo. Literatura norte-americana. Folclore.

ABSTRACT: The trickster is a figure that joins a model that has appeared in North American fictional works from its beginnings to contemporary times and has remarkable similarities with the Spanish picaresque, with the Brazilian trickster, with the French upstart, with the German smartass, among others. Taking into account its importance for the study of anti-heroic figures, section 2 of Pieter Conradie's master's thesis is translated into Portuguese, in which he defines this figure and makes important observations about its constitution and evolution throughout its existence in the fictional texts. In the referred part, the author provides its definition and illustrates its relevance to North American natives and it extends to the present day, based on the studies by Radin (1972) and Jung (1969). The trickster is considered as a mythological entity originating from the indigenous tribe located in Nebraska, Winnebago, and which ended up establishing itself as a representation of the smart guy, who does everything to get along and get away from conflicting situations. Initially, he was a folkloric figure who ended up entering the literary field and there he remains as a wandering, ambitious, selfish being, who despises work and whose only intention is survival, through fraud and deceit to third parties, permeated by humor, and always emphasizing his cleverness and agility in the actions he experiences in the fictions of the past and also in those of the present.

KEYWORDS: Trickster. Mythology. Archetype. North American Literature. Folklore.

Introdução

Antes de iniciar a tradução de parte do capítulo da dissertação que propusemos, acreditamos que seria relevante fornecer alguns elementos sobre o autor e a obra analisada na dissertação de mestrado de Pieter Willem Conradie e o seu principal objetivo, os quais se encontram na introdução da pesquisa mencionada, nos dois primeiros parágrafos da introdução, e que também vertemos para a língua portuguesa, conforme segue.

Peter Philip Carey é um escritor australiano cuja ficção tem a capacidade de despertar psicologicamente a atenção do leitor por seu imaginário explícito, que está atentamente entrelaçado com a abordagem literária contemporânea do pós-modernismo. O romance *Illywhacker* (1985) é especialmente notável em relação a um

estudo da “ousadia imaginativa” de Carey, “claridade visual resplandecente”, intensidade emocional” e “reencenação angustiada de pesadelos primitivos” (HASSALL, 1994, p. 1), porque o personagem principal e o narrador encarnam um *trickster*² cujas características amorais paradoxalmente servem de meio para a “individuação” (JUNG, 1969, p. 275). Essa hipótese é baseada na análise do personagem de Herbert Badgery, e examina como seu comportamento não convencional e ações evocam uma resposta emocional do leitor, que pode, por meio de sua autorreflexão, contribuir para a sua transformação psicológica. A provocação do malandro de uma resposta emocional pode ser interpretada de múltiplos pontos de vista; por exemplo, como uma técnica do escritor para atrair o leitor, ou como forma de destacar motivos tais como “historiografia que transcorre junto com a performance de Herbert Badgery” (TODD, 1995, p. 310); no entanto, uma resposta emocional também pode ser a fonte dos “complexos de tonalidades de sentimento” positivo/negativo de um leitor (complexos em resumo), que são corporificados em paralelo aos “arquétipos” (JUNG, 1969, p. 4) no romance. O objetivo deste estudo é comprovar que Herbert encarna o arquétipo da sombra que, através de seus componentes *tricksters*, revela complexos de um leitor, que inconscientemente influencia a psique individual através da memória emocional que atua como fonte de um complexo polarizado.

Illywhacker é um romance multidimensional que pode ser classificado sob o termo de “pastiche pós-modernista” (EDWARDS, 1998, p. 247). Os aspectos flutuantes do romance foram revistos e estudados por uma variedade de críticos literários; entretanto, pouco se falou sobre o efeito psicanalítico do *trickster* Herbert Badgery, e se ele possui qualidades relevantes para uma leitura junguiana. [...]³

A tradução da seção 2 da dissertação de Pieter Conradie inicia-se no próximo tópico.

1 Definido o *trickster*

A única inferência possível a ser feita é que esse ciclo-mítico é uma velha cultura de propriedade de todos os índios americanos, que

² A melhor tradução para esse vocábulo, no nosso entender, seria “trapaceiro”.

³ N. T.: Chapter I: Introduction and contextualisation. In: CONRADIE, Pieter Willem. *The Trickster in Postmodern Literature with Special Reference to Pieter Carey's Novel Illywhacker*. Dissertation (Magister in English), Potchefstroom Campus of the North-West University, 2015, p. 1-2.

permaneceu, até onde o enredo geral conhecido, relativamente inalterado. (RADIN, 1972, p. 132)⁴

A compreensão de Jung sobre o *trickster* é explicada em seu comentário sobre o livro de Radin (1972) *The Trickster: A Study in American Indian Mythology* [O *Trickster*: Um estudo na mitologia indígena americana]. A passagem acima ilustra, por meio da compreensão de Radin do *trickster* como um mito que permaneceu da mitologia dos “indígenas americanos”, como Jung pode ter se beneficiado de seu conteúdo como exemplo do arquétipo. Em seu comentário, Jung enfatiza a importância de Wakdjunkaga e fornece uma compreensão de várias outras figuras de *trickster* através da história da alquimia medieval, da religião renascentista, de contos de fadas e do conteúdo de avaliação psicanalítica do paciente. Sua principal motivação para este estudo está na afirmação de Radin de que o ciclo do *trickster* Winnebago é uma mitologia em curso, que continua a ter importância para os nativos americanos no século XX. A pergunta que Jung tenta responder em relação ao estudo de Radin refere-se à razão pela qual o propósito do *trickster* continua a ter importância para a sociedade. Isso leva Jung à hipótese de que o *trickster* representa um retrato de um arquétipo que lembra a sombra; um elemento indiscutível da psique individual. Jung explica esse ponto examinando os diferentes *tricksters* e suas semelhanças, que de acordo com sua observação aponta para a existência arquetípica e importância de um símbolo ou figura mitológicos, uma vez que se repete consistentemente nas gerações seguintes.⁵

Esta seção discutirá a descrição de Jung de diferentes figuras de *trickster*, suas características e a importância do *trickster* para a psique coletiva e individual. A partir da revisão literária desta dissertação já fica evidente que Carey não é especificamente influenciado pela teoria junguiana, e sua motivação para *Illywhacker* não tem uma ligação direta com a discussão de Jung sobre o *trickster*. No entanto, a representação de Carey de um *trickster* australiano contemporâneo em *Illywhacker* serve como um exemplo da referencialidade arquetípica do *trickster* conforme discutido por Jung. Mesmo no contexto australiano pós-moderno do romance de Carey, pode-se observar

⁴ The only possible inference to be drawn is that this myth-cycle is an old cultural possession of all the American Indians, which has remained, as far as the general plot is concerned, relatively unchanged. (RADIN, 1972, p. 132)

⁵ Além da extensa referência de Jung a diferentes figuras de *trickster* e suas características, há uma variedade de *tricksters* com características semelhantes não mencionadas por ele, o que também pode ser observado por meio de escritores como Janik, e Doty e Hynes.

um *trickster* contemporâneo da Austrália e compará-lo com descrições prévias do *trickster*. Portanto, um estudo coerente da análise de Jung da *Wakdjunkaga*⁶ e outras figuras malandras, nos leva a uma compreensão mais clara do arquétipo *trickster* que também é evidente em *Illywhacker*⁷ e as características usadas para afirmar a presença de um arquétipo.

2 Figuras do *trickster*

A observação de Jung é baseada nos exemplos de diferentes *tricksters*, personagens semelhantes a *tricksters* e figuras da mitologia ocidental. Esta seleção de figuras *tricksters* são analisadas para obter semelhanças de aparência e propósito, que por sua vez são usadas para afirmar a presença da sombra arquetípica através do modelo repetido de *trickster* com traços de caráter ressonantes que destacam o arquétipo da sombra. Em relação ao comentário de Jung, é importante discutir “Mercurius”, “personagens de contos de fadas”, o “*poltergeist*”, “xamãs”, “mascarados de festivais da Europa”, e também o “*Wakdjunkaga*”.

A primeira e mais generalizada figura de *trickster* examinada por Jung é Mercurius, que é uma variação Romana alquímica de “Hermes”⁸ (JUNG, 1967, p. 230) do grego da mitologia antiga. No Capítulo III desta dissertação, a descrição de Jung de Mercurius é usada principalmente como uma classificação para a figura do *trickster* em *Illywhacker*. Em segundo lugar, as qualidades do *trickster* são aparentes em personagens de contos de fadas como “Tom Thumb”, “Stupid Hans” e “Hanswurst”, encontrados nos contos de fadas de Grimm. Jung enfatiza que tal personagem representa “Dunga, o João Bobo e o Palhaço que são heróis negativos, conseguindo pela estupidez aquilo que outros não conseguem com a maior habilidade” (JUNG, 2000, p. 251).

Em terceiro, Jung afirma que “fenômenos no campo da parapsicologia”, como o “*poltergeist*”, também podem ser reconhecidos como um exemplo da imagem do *trickster*. Segundo Jung, a aparência do *poltergeist* e as qualidades de *trickster* podem

⁶ According to Radin: “The Winnebago word for *trickster* is *wakdjunkaga*, which means the tricky one” (1972, p. 132)

⁷ De acordo com Radin: “A palavra em Winnebago para *trickster* é *wakdjunkaga*, que significa algo complicado” (1972, p. 132).

⁸ N. T.: Deus grego.

ser observadas especificamente no contexto de “crianças pré-adolescentes”. A seguinte passagem é digna de nota:

São as manifestações do *poltergeist*, que sempre sucederam em todo tempo e lugar. Acontecem particularmente onde há crianças na pré-adolescência. As travessuras engraçadas ou maliciosas deste espírito são tão conhecidas quanto seu baixo nível de inteligência, isto é, a tolice notória de suas "comunicações". A habilidade de transformar-se também parece representar uma característica do *poltergeist*, na medida em que numerosos relatos lhe atribuem formas animais. Uma vez que ele mesmo se descreve às vezes como uma alma que se encontra no inferno, o motivo do tormento subjetivo, ao que parece, nunca falta. (JUNG, 2000, p. 251-252).

Embora a pesquisa científica não tenha provado a existência real de *poltergeist*, suas características relatadas correspondem àquelas do *trickster*.

Em quarto, os xamãs são curandeiros tradicionais cujas ações exibem qualidades de *trickster*; por exemplo, eles podem ser comparados aos *sangomas*⁹ atuais ou feiticeiros na África do Sul, que até hoje, através de algumas de suas práticas, exibem qualidades de *trickster*. Jung afirma o que segue:

Sua universalidade coincide, por assim dizer, com a do xamanismo, ao qual pertence, como se sabe, toda fenomenologia espírita. No caráter do xamã e do curandeiro há algo de "trickster", pois eles também pregam peças maldosas aos que a eles recorrem, para depois sucumbirem à vingança dos prejudicados. Sua profissão, portanto, acarreta às vezes perigo de vida. Além disso, as técnicas xamânicas causam freqüentemente desgraças e até mesmo tormentos ao curandeiro. Em todo caso *the making of a medicine-man* significa em muitos lugares do mundo uma tal tortura corporal e anímica que, segundo parece, produz danos psíquicos permanentes. O "aproximar-se do salvador" é, pelo contrário - confirmando a verdade mítica - o fato de que o feridor e ferido cura, e o que padece repara ou remedia o sofrimento (JUNG, 2000, p. 252).

De um nível básico de consciência e prática humana que se relaciona com o instintivo, o xamã representa através de sua prática e métodos únicos um personagem *trickster* fisicamente presente e observável. Para futuros estudos mais aprofundados, pode ser interessante observar a importância que determinadas comunidades dão ao xamã, que segundo Jung representa qualidades de *trickster*. Tal personagem enfatiza

⁹ N. T.: Praticante de medicina de ervas.

certa ligação com a sombra e através de sua prática mantém indivíduos em harmonia com o arquétipo da sombra.

Em quinto, Jung se volta para os festivais europeus tradicionais que reservam um determinado dia do ano, especificamente janeiro, para comemorar o Ano Novo. De acordo com Jung isso ocorria em comemoração das antigas festas "saturnais", trazidas para o contexto, porém, da religião cristã. Em sua análise, Jung observa exemplos aparentes da aparência do *trickster* durante esses festivais.

[...] clama contra essa festa, em que "os próprios sacerdotes e clérigos escolhiam um arcebispo, ou bispo, ou papa (!), designando-o como o papa dos loucos (*fatuum Papam*)", etc. "No meio da missa, pessoas fantasiadas com máscaras grotescas ou de mulher, de leões ou de atores apresentavam suas danças, cantavam no coro canções indecentes, comiam comidas gordurosas num canto do altar, ao lado do celebrante da missa, jogavam ebenda, seu jogo de dados, incensavam com fumaça fedorenta, queimando o couro dos sapatos velhos e corriam e saltitavam por toda a Igreja", etc. (JUNG, 2000, p. 253).

Esses rituais pagãos, em teoria, podem ter simbolicamente lembrado o coletivo do arquétipo da sombra como parte de sua existência humana.

E em sexto lugar, Jung dá um relato elaborado do Wakdjunkaga da mitologia indígena Winnebago, uma vez que seu comentário corrobora especificamente o estudo de Radin sobre este *trickster*. Em termos da pesquisa de Jung, Wakdjunkaga é o exemplo mais recente do *trickster* que ele observou. Jung classifica as características de Wakdjunkaga da seguinte forma:

Quem pertencer a um círculo cultural que busca o estado perfeito em algum lugar do passado, deverá sentir-se estranhamente tocado pela figura do "trickster", que é um precursor do salvador e, como este, é Deus, homem e animal. Também é tanto subumanamente como sobre-humanamente um ser teriomórfico e divino, cuja característica permanente e mais impressionante é a inconsciência. Por este motivo é abandonado por seus companheiros (evidentemente humanos), o que parece indicar que abdicou do seu estado de consciência humana. Ele é tão inconsciente de si mesmo que não representa uma unidade, a ponto de suas duas mãos poderem brigar uma com a outra. Tira até o próprio ânus e o incumbe de uma tarefa especial. Até mesmo seu sexo é facultativo, apesar de suas qualidades fálicas: pode transformar-se numa mulher e parir crianças. De seu pênis faz plantas úteis. Esta circunstância é uma referência à sua natureza criadora originária: é do corpo de Deus que se cria o mundo. Sob outros aspectos ele é mais estúpido que os animais, caindo de um ridículo desajeitamento a outro. Embora não seja propriamente mau, comete,

devido à sua inconsciência e falta de relacionamento, as maiores atrocidades. Seu cativo na inconsciência animal é sugerido por sua prisão no crânio de um alce e a superação deste estado, inversamente, pela inclusão da cabeça do falcão em seu próprio reto. Depois disso, volta ao estado anterior, ou seja, debaixo do gelo, sendo burlado seguidamente por animais, até finalmente conseguir enganar o coio, o que o faz lembrar-se de sua natureza salvífica. O "trickster" é um ser originário "cósmico", de natureza divino-animal, por um lado, superior ao homem, graças à sua qualidade sobre-humana e, por outro, inferior a ele, devido à sua insensatez inconsciente. Nem está à altura do animal devido à sua notável falta de instinto e desajeitamento. Estes defeitos caracterizam sua natureza humana, a qual se adapta às condições do ambiente mais dificilmente do que um animal. Em compensação, porém se candidata a um desenvolvimento da consciência muito superior, isto é, possui um desejo considerável de aprender, o qual também é devidamente ressaltado pelo mito. (JUNG, 2000, p. 259).

O *trickster* é um personagem impulsivo, inconsciente e animalesco. Apesar de sua forte opinião, ele não usa a razão para orientar novas decisões, mas confia no comportamento instintivo. Ele é capaz de mudar sua forma de macho para fêmea e de humano para animal. Por exemplo: "O *trickster* agora pegou o fígado de um alce e fez uma vulva com ele. Então ele pegou alguns rins de alce e fez seios com eles. Finalmente ele vestiu um vestido de mulher... Não muito depois o *trickster* engravidou" (RADIN, 1972, p. 22-23)¹⁰. O *trickster* também é, apesar de seu caráter negativo representado, procriador e representante de um salvador. Ele força uma grande cachoeira a se deslocar, já que seu povo vai morar na mesma área da cachoeira: "Estou te dizendo que a terra foi feita para o homem viver e você vai incomodá-lo se ficar aqui. Eu vim para esta terra para reorganizá-la. Se você não fizer o que eu te digo, não vou te usar com muita delicadeza'... Então o *trickster* cortou uma vara para si e atirou-a nas cataratas e empurrou as cataratas para a terra" (RADIN, 1972, p. 52)¹¹. A mitologia do *trickster* Winnebago é o foco principal da análise de Jung do *trickster*. Podemos, portanto, usar a descrição de Wakdjunkaga em relação a Mercurius como uma base para o estudo do *trickster* em *Illywhacker*. No entanto,

¹⁰ "Trickster now took an elk's liver and made a vulva from it. Then he took some elk's kidneys and made breasts from them. Finally he put on a woman's dress... Not long after trickster became pregnant" (RADIN, 1972, p. 22-23).

¹¹ "I am telling you that the earth was made for man to live on and you will annoy him if you stay here. I came to this earth to rearrange it. If you don't do what I tell you, I will not use you very gently'... Then Trickster cut a stick for himself and shot it into the falls and pushed the falls on to the land" (RADIN, 1972, p. 52)

escolhemos Mercurius devido à descrição mais sistemática e cronológica relacionada a esta figura, facilitando a classificação de semelhanças entre diferentes *trickster*.

3 Objetivo do *trickster*

Neste ponto, deve ficar claro que o *trickster* não representa um personagem herói, e ele não se encaixa precisamente na descrição de um vilão. Ele também não é apenas um personagem secundário usado para preencher uma lacuna (há alguns casos em que os *tricksters* são usados apenas para alívio cômico¹²); contudo, em geral, sua aparência geralmente contém uma mensagem importante para o leitor. No caso de *Illywhacker* a história principal gira em torno de um *trickster*, o que implica que o *trickster* torna-se protagonista. Isso enfatiza sua importância, mas ainda não sugere que o *trickster* agora se transforme em herói ou vilão; ele se torna apenas o centro da história. Outra característica aparente do *trickster* é ele possuir um caráter amoral em vez de imoral ou moral; mesmo que pareçamos certos do seu comportamento ou ações maliciosas, elas inspiram o desenvolvimento e a mudança de caráter para o bem do coletivo. O *trickster* vai contra a curva natural do desenvolvimento humano, pois representa um estágio anterior de consciência, que ainda está em processo de se mover do inconsciente para a mente consciente. Quando as pessoas evoluem de seres inconscientes para seres conscientes, o *trickster* permanece preso em um estágio arcaico. É por causa desse elemento específico do *trickster* que o classificamos como representante de um símbolo arcaico que lembra o indivíduo com seus comportamentos humanos mais básicos que ainda são parte de sua psique e influenciam seu comportamento geral diariamente. Jung se refere especificamente a Radin como exemplo deste ponto.

O ciclo do "trickster" de RADIN conservou a forma mítica originária da sombra, indicando a existência de um estágio de consciência muito mais antigo, anterior ao do mito, quando o índio ainda se encontrava em uma obscuridade mental quase completa. Só quando sua consciência atingiu um nível superior, foi possível destacar-se do estágio anterior como algo diverso de si mesmo e objetivá-lo, isto é, dizer algo a seu respeito. (JUNG, 2000, p. 258).

¹² Observe-se o personagem Feste em *Twelfth-Night; Or What You Will*, de Shakespeare (2006).

Um personagem *trickster* leva o leitor de volta a uma parte de seu desenvolvimento que contradiz o comportamento convencional, mas isso o lembra por que essa mudança é necessária, por que ele não deve voltar ao comportamento primitivo, que ele deve permanecer consciente da existência arquetípica da sombra e que o *trickster* pode ser usado como um método para determinar a existência e natureza binária de certos complexos.

O *trickster* representa um personagem que encarna um símbolo do passado, que tem que se tornar parte do inconsciente coletivo e do inconsciente pessoal. Isso se torna mais aparente quando o *trickster* é observado como sombra, um elemento da psique que gostaríamos de esquecer e com o qual não nos associamos mais, porque nos lembra de mau comportamento e algo imoral que rompe as fronteiras sociais. Devemos distinguir entre as descrições de Jung da sombra e o *trickster*, uma vez que aparentemente representam o mesmo assunto, mas quando observados em mais detalhes, eles realmente retratam conceitos únicos do inconsciente coletivo. Na verdade, a sombra representa diferentes formas de imagens reprimidas, e o *trickster* é basicamente uma representação de um personagem ligado ao arquétipo da sombra. Parece evidente que o *trickster*, também em psicanálise individual, apareça como mensageiro do descaso individual ou coletivo em integrar o material da sombra do inconsciente com o consciente:

O "trickster" é representado [...] por tendências opostas no inconsciente e, neste caso específico, por um tipo de segunda personalidade de caráter pueril, inferior, semelhante àquelas personalidades que se manifestam verbalmente em sessões espíritas, ou causam fenômenos totalmente infantis, característicos do *poltergeist*. Acredito ter designado corretamente estes componentes de caráter, que nunca faltam, por sombra. No nosso nível cultural ela é considerada como uma falha pessoal ("gafe, deslize"), sendo atribuída à personalidade consciente como um defeito. (JUNG, 2000, p. 257-258).

O *trickster* tem um efeito evidente no desenvolvimento individual, que é um ponto crucial que enfatiza a necessidade de continuar a recontar a história desse arquétipo. Este efeito não permanece apenas em uma experiência individual e na consciência individual, mas também se torna aparente para o coletivo, considerando sua ampla influência na literatura. Claramente este símbolo aparece através dos tempos, razão pela qual é importante compreender o seu significado e influência sobre a humanidade na contemporaneidade:

A figura está cindida da consciência subjetiva e se comporta por isso como uma personalidade autônoma. O "trickster" é *afigura da sombra coletiva*, uma soma de todos os traços de caráter inferior. Uma vez que a sombra individual é um componente nunca ausente da personalidade, a figura coletiva é gerada sempre de novo a partir dela (JUNG, 1969, p. 264-265).

Segundo Jung, o *trickster* orienta o desenvolvimento humano e auxilia na integração do material do inconsciente com o consciente. Ao fazer isso, o indivíduo não permanece fixo em respostas esquivas a comportamentos aparentemente ilógicos e não convencionais, mas desenvolve um afinado senso de consciência sobre as ações que têm resultados negativos. Aquele que reconhece a natureza humana e as falhas da vida tornam-se conscientes e mais abertos à transformação. O efeito desejado da figura do *trickster* é nos lembrar de um estágio anterior do desenvolvimento humano que ainda pode encontrar seu caminho no fluxo atual de eventos e causar consequências terríveis. O *trickster* pode ser um personagem com traços negativos e má intenção, mas se interpretado corretamente pode causar transformação quando mais necessário:

Nessa hierarquia tricotômica antiga e originária dos conteúdos psíquicos (hílica, psíquica e pneumática) a estrutura polarizada da psique, objeto de experiência imediata, é um fato. A unidade da natureza psíquica está no meio, como a unidade viva da cachoeira aparece na conexão dinâmica entre o alto e o baixo. O efeito vivo do mito é vivenciado quando uma consciência superior, que se regozija com sua liberdade e independência, se confronta com a autonomia de uma figura mitológica, sem poder escapar do seu fascínio, tendo que prestar seu tributo à impressão subjugante. A figura atua porque tem uma correspondência secreta na psique do espectador, aparecendo como um reflexo da mesma, o qual, no entanto não é reconhecido como tal. [...], mas nem sempre isso ocorre sob forma mitológica, mas nos tempos mais recentes e devido à repressão crescente dos mitologemas originários, ela é projetada sobre outros grupos sociais e outros povos. (JUNG, 1969, p. 264-265)

Quando o que é descrito acima é colocado ao lado de *Illywhacker*, torna-se evidente que um personagem como Herbert, e outros personagens secundários também, representam um arquétipo da sombra, semelhante à discussão de Jung sobre o *trickster*. Uma diferença notável é a capacidade intelectual de Hebert, mais desenvolvida do que as figuras mitológicas dos *trickster*, o que é compreensível devido à diferença de época e contexto cultural. Outra diferença pode ser observada

através dos métodos de registro, sendo um deles uma história mitológica transmitida oralmente de uma geração para a outra e a outra sendo ficção pós-moderna. Evidentemente, Herbert representa um *trickster* contemporâneo que é mais uma parte dos estágios de desenvolvimento da sociedade no século XX. Um *trickster* como Wakdjunkaga não é tão acessível ou relevante para a sociedade ocidental e a juventude de hoje como Herbert, que representa: comportamento moderno que difere do comportamento convencional; compartilha a mesma habitação que a maioria dos leitores em cidades urbanizadas; fala a mesma língua com dialeto semelhante mais compreensível para o contexto moderno e usa expressões contemporâneas; e ele entra em um período de tempo e contexto histórico da sociedade moderna, com a qual o leitor pode se relacionar mais prontamente devido à sua própria compreensão e experiência de um contexto semelhante.

Referências

CAREY, P. *Illywhacker*. London: Faber and Faber, 1985.

CONRADIE, Pieter Willem. Theoretical concepts: Defining the Trickster. (Section 2). *In: CONRADIE, Pieter, Willem. The Trickster in PostModern Literature with Special Reference to Pieter Carey's Novel Illywhacker*. Dissertation (Magister in English), Potchefstroom Campus, North-West University, 2015, p. 36-43.

EDWARDS, B. *Theories of play and postmodern fiction*. New York: Garland Publishing, 1998. (Comparative literatura and cultural studies, 3).

HASSALL, A. J. *Dancing on hot macadam: Peter Carey's fiction*. 3rd. ed. St Lucia: University of Queensland, 1994.

JUNG, C. G. *The collected works of C. G. Jung: the archetypes and the collective unconscious*. 2nd ed. Vol. 9, pt. 1. Translated from the German by R.F.C. Hull. New York: Princeton University, 1969.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luíza App & Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Perrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RADIN, P. *The trickster: a study in American Indian mythology*. New York: Schocken Books, 1972.

SHAKESPEARE, W. Twelfth-night; or, what you will. *In: Anon. The complete works of William Shakespeare*, volume 1. New York: Tess, 2006, p. 411-450.

TODD, R. Narrative trickster and performative historiography: fictional representation of national identity in Graham Swift, Peter Carey, and Mordecai Ricler. *In: ZAMORA, L. P. & FARIS, W. B. (eds). *Magical realism: theory, history, Community*. Durham: Duke University, 1995, p. 305-328.*

Recebido em 23/01/2022

Aceito em 14/06/2022

Publicado em 20/06/2022